

ANGÉLICA ANTÔNIA DA SILVA

**HISTÓRIA DA ARTE PARA ALUNOS
DO ENSINO BÁSICO NA FORMA DE CONTO**

BRASÍLIA,
2011

ANGÉLICA ANTÔNIA DA SILVA

HISTÓRIA DA ARTE PARA ALUNOS
DO ENSINO BÁSICO NA FORMA DE CONTO

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais
do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. MsC. Rosana de Castro.

BRASÍLIA,
2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ANGÉLICA ANTÔNIA DA SILVA

Monografia apresentada à banca constituída para o curso de
Artes Plásticas - Licenciatura, oferecido pela Universidade de Brasília e aprovada
em 07 / 07 / 2011 às 16h.

HISTÓRIA DA ARTE PARA ALUNOS DO ENSINO BÁSICO NA FORMA DE CONTO

UNB – DISTRITO FEDERAL

2011

Professora MsC Rosana de Castro

Professora MsC Lisa Minari

Professor Dr. Emerson Dionísio

A Maria Elizabete, ao qual sempre acreditou que eu conseguiria realizar meu sonho de estudar na Universidade de Brasília, a Adriana Aguiar, que sempre me apoiou para que eu fizesse Artes Plásticas e durante esses anos no curso foi meu apoio nas horas que mais fiquei com medo de não conseguir, ao meu marido Daniel Viana, que sempre entendeu e me apoiou na fase mais tensa do meu trabalho; aos meus amigos que estiveram sempre do meu lado, para me incentivar, ajudar ou me distrair a fim de que eu relaxasse, em especial Claudinha, Débora, Dudu, Jojô, Simone e Talita, e minha irmã que amo muito, Lillian Dourado, que sempre me apoiou e por vezes me acompanhou durante as madrugadas que eu ficava acordada fazendo meus trabalhos e fazia lanches durante a madrugada para eu me manter acordada.

Agradeço a minha família que me atura, sempre me apoiou e acreditaram em mim, aos professores que propiciaram minha formação acadêmica na instituição e em especial a minha orientadora, Rosana, ao qual sem ela era impossível eu realizar esse trabalho, quem mais me ajudou na realização deste e quem eu admiro extremamente como pessoa e profissional.

LISTA DE IMAGENS

01. Figura 01. Interior livro: Moda, Uma História para Crianças (Cosac), Katia Canton, 2009.....p.10
02. Figura 02. Esquema do triangulo. Arquivo pessoal.....p.16
03. Figura 03. Exposição Rodrigo Godá – Escrituras e Filigranas.....p.22
04. Figura 04. Arte para as crianças no MAM.....p.22
05. Figura 05. O artista com crianças no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba 2009.....p.23
06. Figura 06. Miami Children's Museum – Miami EUA.....p.23
07. Figura 07. Visão Panorâmica de Brasília.....p.24
08. Figura 08. Igreja Nossa Senhora de Fátima, Brasília.....p.24
09. Figura 09. Pessoas no mirante da Torre de TV, de onde é possível avistar a Esplanada dos Ministérios e cidades próximas a Brasília.....p.25
10. Figura 10. Passeio Pedagógico aos pontos turísticos e históricos de Brasília.....p.25
11. Figura 11. "Monumento à III Internacional" de Vladimir Tatlin, 1919.....p.27
12. Figura 12. Brasília (DF): Plano-Piloto, por Lúcio Costa.....p.28
13. Figura 13. Projeto do Palácio da Alvorada por Niemeyer.....p.29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. MEMORIAL.....	09
3. DBAE E ABORDAGEM TRIANGULAR.....	12
4. MEDIAÇÃO E ARTE EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS MUSEAIS.....	19
4.1 Espaços Museais.....	19
4.2 Mediação.....	20
4.3 O Museu Cidade.....	24
ANEXO: BRASÍLIA GEOMÉTRICA.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso (TCC) é apresentarmos a importância da História da Arte na educação básica ou, pois a História da Arte possibilita despertar na criança a imaginação, a criatividade, a concentração, o desejo pela leitura, o conhecimento e o interesse pelo tema. Além disso, possibilita a criança formar opinião, construir idéias e desenvolver a crítica, e assim colaborar para o seu crescimento intelectual.

A escola é uma instituição que deve contribuir para a sociedade, ao oferecer uma educação adequada para que os indivíduos possam viver e conviver em sociedade. Sendo assim, suas atividades são construtoras de conhecimentos e valores necessários à conduta humana e a arte contribui para formação da sensibilidade do olhar e fazer.

O primeiro capítulo constitui-se em um memorial das minhas experiências pessoais que me fizeram decidir meu tema. O segundo capítulo abordou o *DBAE* e Abordagem Triangular, referências na Arte/Educação hoje nas instituições de ensino. O terceiro capítulo trouxe a noção e exemplos de espaços museais, apresento questões sobre mediações em espaços museais e para finalizar, o Museu cidade e citando Brasília como exemplo.

2. MEMORIAL

Fui estagiária do Acervo da CAIXA Cultural Brasília, trabalhei no espaço por dois anos com mediação cultural em galerias e há pouco mais de um ano trabalhei no acervo histórico, artístico e documental. Durante esses três anos, no espaço Cultural da CAIXA, tive contato com professores de artes, alunos, artistas, produtores, curadores, músicos, atores, atrizes e entre outros que atuam no campo das artes.

Desde meados de 2006, venho participando, na condição de ouvinte, de várias oficinas, seminários, palestras e colóquios, na CAIXA Cultural e em outros espaços. Além disso, sempre dialogando com profissionais atuantes na área. Nesses contatos, passei a observar a carência de um material de apoio, no campo das artes visuais para as aulas do Ensino Básico, principalmente aquelas da rede pública. Nas minhas conversas com professores esses alegam não haver estrutura adequada em sala de aula e materiais teóricos de fácil acesso. Sujeitando-os a assim a trabalhar com recursos escassos, tanto materiais quanto didáticos. E apesar do acesso facilitado aos museus e galerias que poderiam fortalecer seus trabalhos, muitos dos professores acabaram por alegar, nesses diálogos, falta de tempo e/ou desconhecimento da existência desses espaços e ainda da possibilidade de acesso gratuito dos acervos, sendo que podem contar também com o transporte gratuito para alunos da rede pública de ensino. Foi, portanto, a partir dessas observações que surgiu meu interesse em abordar no meu TCC uma pesquisa sobre o desenvolvimento de materiais didáticos e de apoio ao ensino da História da Arte nas escolas públicas, porém focado no público do Ensino Fundamental.

Outro aspecto da minha pesquisa ocupou-se em revisar a bibliografia sobre esse tema dirigido ao público que selecionei, onde constatei a necessidade de um material que abranja a história e seja mais lúdico e interativo. O autor Laurence Anholt escreveu e sua esposa Catherine Anholt ilustrou diversos contos em torno de obras de grandes artistas como Degas, Leonardo da Vinci, Picasso, Matisse, Monet e Van Gogh. Cada livro apresenta uma história lúdica em um cenário criado em

torno de uma obra selecionada do artista e ao final apresenta uma breve biografia do autor. Outra coleção chamada “Crianças Famosas”, da Editora Callis traz histórias da infância de compositores clássicos, pintores e escritores famosos. Já a Editora Moderna possui uma coleção intitulada “Mestres das Artes”, com uma a biografia de forma resumida de alguns artistas, assim como a coleção “Crianças Famosas”, de compositores, pintores e escritores.

Foi durante um seminário com a Kátia Canton¹ onde ela apresentou o livro jogo, o qual a criança aprende brincando, com conteúdo didático apresentado de forma lúdica, que surgiu o interesse que se concretiza no presente TCC. Investigando especificamente sobre possibilidades de livros de História da Arte para crianças, que sejam intermediários entre *Bruxa Onilda* (LARREUL, 1997) e *O Mundo de Sofia* (GAARDER, 1991), essas referências ocorrem, pois tratam de forma lúdica assuntos que estão presentes nos currículos escolares. *Bruxa Onilda* apresenta algumas cidades ao redor do mundo, como Veneza e Nova York e *Mundo de Sofia* trata da história da filosofia ocidental.



“Para que as crianças entendam a moda com facilidade, Kátia Canton desenvolveu o livro “Moda – Uma História para Crianças” (Cosac Naify, 54 páginas). Nele, são abordadas todas as épocas possíveis, da pré-história ao legado de Coco Chanel, incluindo estilistas brasileiros.”

Figura 01. Interior livro: *Moda, Uma História para Crianças* (Cosac), Katia Canton, 2009.
Fonte: Colherada Cultural.

No material que desenvolvi para esse TCC, a partir dessas idéias, enfatizei a ilustração. Não que um bom livro tenha que obrigatoriamente ser ilustrado, porém,

¹ Oficina de Exposições, obras, livros, jogos – Uma abordagem interdisciplinar para a arte na educação - CAIXA Cultural Brasília, 2006.

as ilustrações ajudam na visualização contextual ao que me parece e são mais fáceis de assimilação. Temos ainda o exemplo da Idade Média e Renascimento, por causa do alto nível de analfabetização, principalmente entre os plebeus, afrescos e iluminuras eram a verdadeira Bíblia dos pobres. "A catedral é um livro de pedra para os ignorantes" (Émile Mâle - 1862-1954). Gombich (2002) afirma ainda sobre a importância para a evolução e História da Arte desse período, visto que temas religiosos foram pintados durante séculos.

3. DBAE E A ABORDAGEM TRIANGULAR:

*Disciplined Based Art Education*² (DBAE) é uma proposta que foi elaborada em 1982 no e *Getty Education Institute*³ por J. Paul Getty Trust, em Los Angeles com o intuito de deslocar a disciplina de Artes para um ponto mais central do currículo escolar. Foi por intermédio do DBAE que se estabeleceram quatro instâncias do conhecimento como base dos programas de artes: a produção, a crítica, a estética e a História da Arte.

Desenvolver conhecimentos e competências nestas quatro áreas permite, segundo o DBAE, os estudantes alcançarem uma compreensão mais completa das artes visuais, pois dentro dessa perspectiva são geradas quatro perguntas essenciais: Qual a importância de se estudar a História da Arte e onde ela é inclusa? Por que se estudar a crítica e o que é crítica dentro das artes? Por que estudar a estética e pelo o que ela é responsável dentro das artes? E por ultimo, por que estudar produção artística? (DOBBS, 2004)

Partindo da leitura de Gombrich, percebi que representatividade durante as eras nas civilizações através dos seus costumes culturais, sociais e políticos a partir da perspectiva das artes visuais. As obras mostram as movimentações culturais ao longo do tempo e nos trazem as referências do passado para que possamos compreender melhor o presente.

Ao que se refere à crítica, Gombrich (2002), assevera que devemos analisar a obra como um todo: estilos, design, forma, concepção, composição entre outros, para conceber um maior entendimento e julgamento das obras de arte, não devemos nos prender ao tema, pois esse faz com que muitas vezes rejeitemos obras com temas que não nos agrada. A crítica envolve ler a obra e falar com maior clareza o porquê gostamos ou não gostamos da obra que nos foi apresentada após um estudo de sentimentos, e propriedades expressivas analisadas.

A estética, por sua vez, afirma Hegel (1997), é a parte filosófica dentro da arte. Por ela que levantamos as questões que nos levará a crítica. O que é o belo?

² Disciplina Base para Arte-Educação.

³ Instituto de Educação Getty.

Afinal, o que é arte? E tem que ser trabalhado de forma cognitiva, onde os próprios alunos devem ser estimulados a fazer seus questionamentos pessoais.

De acordo com o DBAE, deve-se estudar também a produção artística por propor trabalhos práticos/plásticos para os alunos, pois essa que é a parte da criatividade expressiva pelo uso de vários materiais e ferramentas conceptivas e apresentará o resultado de todo o processo de ensino/aprendizagem qual o aluno foi submetido.

A arte foi incluída no currículo escolar em 1971, através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Arte era apenas atividade educativa sendo considerada disciplina obrigatória na educação básica apenas em 96 com a Lei nº 9.394/96: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (artigo 26, parágrafo 2º), depois de um movimento de Arte-Educação nos anos 80, liderada por professores e profissionais da área que estavam insatisfeitos e lutaram em prol de valorizar e aprimorar a profissão do professor.

Ana Mae Barbosa criou a Proposta Triangular em 1987 sendo um paralelo com o DBAE no Pós Modernismo da Arte-Educação que estava acontecendo nos anos 80.

O DBAE é baseado em disciplinas como Estética, História e Crítica, sendo assim criticado desde seu início por Ana Mae, pois esse excessivo disciplinarismo é incoerente com o pós-modernismo. Na sua Proposta sistematizou a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade brasileira, visto que o outro é a manifestação americana. Até então não existia um sistema metodológico do fazer-ler-contextualizar, daí a criação da Proposta Triangular possuindo três vertentes: a História da Arte, a leitura da imagem e o fazer artístico. A idéia era que por intermédio de visitas aos museus e exposições os professores pudessem incrementar suas aulas.

O material feito para a capacitação dos professores de Educação Artística, até então, era pobre, sem bases conceituais, sem fundamentos e cursos de curta duração, formando um profissional despreparado e esse dentro de sala apresentava um ensino tradicional, sem opções de expansão de conhecimento, sendo as atividades divididas apenas pela faixa etária.

Com a mobilização dos profissionais desde o início do movimento de Arte-Educação, discursos, debates, reinvidicações, criação de novos métodos de ensino e aprendizagem de arte dentro das escolas, nos anos 90 passou de Educação-Artística para Artes o nome da matéria, sendo um marco curricular. Arte agora estava ligada a todos os conteúdos que envolvesse cultura artística.

Com essa evolução e melhoria, começaram em sala a se estudar estética, o fazer artístico, a apreciação da obra e sua contextualização histórica. O que percebemos então neste momento? Simplesmente a aplicação da Proposta Triangular.

Ainda hoje, em muitas escolas, infelizmente, é utilizado o desenhos impressos para se colorir ou músicas de lanchinho, entrada, saída, quando em outras escolas professores ensinam História da Arte, leva os alunos a exposições e teatros, produz em sala de aula desenhos próprios, aprendem a crítica. Cabe ao professor a forma de ensinar e aplicar o ensino das artes dentro de sua turma, visto que não há metodologias rígidas a ser seguida, dando assim muita liberdade ao professor e essa, em alguns casos, é vista como acomodação, e o aluno em processo de aprendizagem deve ser incentivado a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir.

A flexibilidade metodológica às vezes traz desvantagens, por fazer por vezes professores aplicar em sala um trabalho sem nexo por falta de idéia ou plano de aula elaborado anteriormente, além da falta de material adequado para aulas práticas e de material didático de qualidade que servira de suporte ao ensino de História da Arte. Aqui entra meu trabalho, no qual propus o desenvolvimento de um material lúdico de suporte para o ensino fundamental, tendo como exemplar o livro que trata da construção de Brasília.

A arte não tem como objetivo responder questões universais e também não existe obra de arte melhor ou pior que outra, mais correta ou mais evoluída, cada obra é única e reflete seu tempo, por isso a importância do estudo da História e a sua associação com a Arte. Da mesma forma, cada obra age de um modo singular no observador, sendo sensações diferentes criadas a cada um dos observadores. É necessário incentivar a percepção estética, a liberdade de expressão, o apoio a imaginação e capacidade criadora e a crítica de cada um individualmente e em grupos e acima de tudo respeitá-la, agregando sempre o lúdico e encanto que as atividades artísticas podem propiciar.

O lúdico é o jogo, e jogo é visto uma atividade que sentido reside em si próprio, para Huizinga, jogar é uma característica essencial à natureza animal e humano, sendo anterior à própria cultura, pois antes do surgimento da sociedade, os animais já brincavam. *“A vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas do jogo”* (Huizinga, 1992).

A escola também tem um papel fundamental de incluir e divulgar os diversos tipos de Arte em todos os âmbitos, com a finalidade de democratizar e o conhecimento e aumentar as chances de participação social do aluno, e esse passa a conhecer uma produção social concreta e que essa tem uma história. Todo bom desenvolvimento depende da qualidade da ação pedagógica, escolhendo o conteúdo que aborde a diversidade do repertório cultural que a criança está envolvida e trazendo diariamente para a escola, trabalhando assim com temas ligados a sua realidade de vida, a realidade dos colegas e da comunidade que a escola está introduzida.

Os professores devem ser capacitados para orientar de melhor maneira possível seu aluno contribuindo assim para a formação do mesmo, da mesma forma esse deve conhecer História da Arte para fazer as devidas conexões entre a realidade presente e a fatos passados da história e assimilar esses ao cotidiano vivido dos seus alunos, ensinarem a compreender que trabalhos são ligados a certa época e local e adequar as atividades práticas a época e local que esses vivem.

Cada aluno é singular, por isso o professor deve observar individualmente o nível de competência e determinação interna e externa quando este está desenvolvendo sua atividade criativa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) não define modalidades artísticas específicas a serem trabalhadas, como por exemplo: movimentos artísticos ou técnica que deve ser trabalhada em sala, e sim dá ênfase a conteúdos que colaborem para a formação do aluno quanto cidadão, tratando da igualdade de participação entre os alunos, tentando assim que esses levem as experiências por toda vida e compreensão sobre a produção nacional e internacional de arte.

Os conteúdos de Arte estão relacionados de forma que capacite à aprendizagem artística dos alunos do ensino fundamental, possibilitando-os a desenvolverem um método contínuo e complexo no campo do conhecimento artístico e estético. O conjunto desses conteúdos está engajado em uma

engrenagem de ensino e aprendizagem divididos em três eixos principais: a produção, a fruição e a reflexão (Abordagem Triangular).

Os conteúdos gerais do ensino fundamental em Arte, dentro do PCN, são:

- A arte como expressão e comunicação dos indivíduos;
- Elementos básicos das formas artísticas, modos de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte;
- Produtores em arte: vidas, épocas e produtos em conexões;
- Diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias.

O porquê do triângulo na proposta de Barbosa? Não é um simples triângulo, e sim um triângulo equilátero, que possui os três lados iguais, pois esses três itens da proposta funcionam de forma complementar uma do outro, não sendo nenhum mais ou menos importante que o outro e sim os três trabalhando juntos a fim de formar uma unidade no processo de ensino/aprendizagem das artes visuais, porém devemos levar em consideração que no ensino básico a parte do “Fazer Artístico” é a que tem um peso maior, não diminuindo as outras etapas, mas por meio da produção prática que se avalia o resultado do processo cognitivo do aluno.



Figura 02. Esquema do triângulo.
Fonte: Arquivo pessoal.

Barbosa (1998) afirma que, o que envolve cada um desses elementos da vertente triangular é:

- A História da Arte: essa é de extrema importância para o conhecimento do aluno em relação aos acontecimentos passados e o entendimento da época que foi produzida tal obra em estudo e a relação que se pode fazer desse período/obra com a contemporaneidade. Analisamos então por meio das imagens, os aspectos culturais, históricos e sociais que permeiam a produção de determinada imagem. Na Proposta Triangular a História da Arte não é abordado apenas cronologicamente, mas contextualiza o artista com sua obra no meio sócio cultural;
- A leitura da imagem: essencial para o estudo estético da obra: cores, linhas, composição, materiais utilizados, forma, matriz, base, o que a obra passa em questões sentimentais, é bela, é feio, causa inquietação, etc. O aluno deve constituir uma leitura formal da imagem e também deve ser capaz de julgar e interpretar esta imagem, aí entra a Crítica e a Estética de DBAE, e não existe uma leitura singular e verdadeira sobre a imagem e múltiplas leituras prováveis;
- O fazer artístico: resultante da experiência vivenciada nos dois momentos anteriores, aqui que o aluno poderá expressar-se em relação ao que ele vivenciou. O aluno poderá nesse momento traduzir plasticamente o que não permite descrever em palavras ou gestos, ao pôr suas experiências, suas interpretações no trabalho produzido.

Apesar da Proposta Triangular ter sido difundida no final dos anos 80, foi em 1996 que o Ministério da Educação (MEC) adotou no PCN de Artes essa perspectiva, fazendo assim que mais e mais professores e alunos passassem a procurar mais por cursos e visitas aos espaços. Resultando dessa nova consciência social, notou-se também por parte dos museus a necessidade em se criar um setor educacional para atender essa nova demanda.

No quadro abaixo, observamos o comparativo entre o DBAE, Proposta Triangular e os PCNs:

DBAE Arte Educação como Disciplina	PROPOSTA TRIANGULAR	PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais
(Hamilton, Barkan, Eisner déc 60 - Inglaterra/EUA)	(Ana Mae Barbosa déc. (80 - Brasil)	(MEC-1999/Brasil)
História da Arte	História da Arte	Contextualização
Crítica da Arte	Leitura da Imagem	Apreciação
Estética		
Produção Artística	Fazer Artístico	Produção Artística

4. MEDIAÇÕES E ARTE EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS MUSEAIS

4.1 Espaços Museais

Segundo a *International Council of Museums* (ICOM) Museu é: uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Sendo também considerados espaços museais: sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos; instituições que conservam e expõe exemplares vivos de vegetais e animais; centros de ciências e planetários; galerias não comerciais; bibliotecas e centros arquivistas; parques naturais; organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus; ministérios ou administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação relacionadas aos museus e à museologia; centros culturais. Resumindo: todas as instituições que apresentem características que cumpram funções museológicas: memória, cultura e patrimônio.

Estão classificados em: Clássicos (ortodoxo ou acadêmico, interativo ou exploratório, com coleções vivas), Território (comunitário ou ecomuseus, parques ou sítios naturais musealizados, cidades monumentos) e virtuais.

4.2 Mediação

Desde o início do século XX já havia a preocupação de adequação de museus para uma visita mais estimulante, por conta do conceito de fadiga museal⁴. A fadiga está diretamente relacionada à pobreza do design expositivo e da inserção das mediações. Observo, a partir das minhas experiências como mediadora, que existe ainda muita das mediações que seguem roteiros e mapas, estimulando o olhar do visitante a pontos estratégicos aos qual o mediador já tem sua fala pronta. Sugiro que a partir da Pedagogia Questionadora, criada por Paulo Freire (1985), uma solução viável para a aplicação nas mediações, pois essa desenvolve no local de ensino métodos favoráveis a uma educação crítica e questionadora, que torna bem mais agradável a visita para o espectador.

Essa Pedagogia afirma que antes de ensinarmos as respostas devemos ensinar os alunos a perguntar, pois é através da pergunta que se cria o estímulo à curiosidade, sendo aplicadas respostas por parte dos professores em forma de novas perguntas para esses alunos possam se expressar, formando assim a crítica, pois na pergunta que se está a origem do conhecimento e não pode ser desconsiderada nenhuma pergunta.

Um educador que não castra a curiosidade do educando, que se insere no movimento interno do ato de conhecer, jamais desrespeita pergunta alguma. Porque, mesmo quando a pergunta, para ele, possa parecer ingênua, mal formulada, nem sempre o é para quem a fez. Em tal caso, o papel do educador, longe de ser o de ironizar o educando, é ajudá-lo a refazer a pergunta, com o que o educando aprende, fazendo, a melhor perguntar. (FREIRE, 1985, p. 25)

Muitas das vezes também é imposta pelo curador a fala do mediador, sendo empurrados conceitos e idéias próprias as quais muitas das vezes, nem o próprio mediador compreende, mesmo assim as empurra (reproduz) para o visitante, interferindo assim na experiência museal do mesmo, aconteceu comigo similar quadro quando fui mediadora da exposição “Um Século de Concreto Armado e

⁴ Ver Gilman, 1916

Encantamento”, no início de 2009. Não tinha nenhuma base sobre Escola de Bauhaus, arquitetura moderna ou similar, a produção solicitou mediadores com uma semana de antecedência da abertura e não forneceu nenhum material para estudo sendo a conversa com o curador (meia hora antes da abertura) o único aparato teórico oferecido então pela CAIXA e pela produção, ao questionar prováveis perguntas do público nos foi instruído a seguir o “mapa”, que assim o visitante não sairia da linha de raciocínio. Assim foi com vários outros curadores e com essa experiência comecei a preparar por conta própria material para nós mediadores em relação a exposição que abriria em seguida, pedindo pelo menos o nome do artista e exposição com três semanas de antecedência.

Esse período descrito, a CAIXA Cultural ainda não estava trabalhando com o educativo Gente Arteira, o qual dá treinamento antecipado para os mediadores, os deixando assim por conta própria para não criar “vínculo empregatício” e o que eu fazia era para tentar fazer uma mediação mais agradável para os visitantes, aprendi sobre o que é um mediador sem aparato profissional direto, sendo totalmente autodidata.

Outra experiência interessante que tive na CAIXA Cultural foi na exposição “Rodrigo Godá – Escrituras e Filigranas”, fim de 2009, até então nos era determinado que toda escola visitante deveria passar por todas as galerias e notamos que, principalmente para crianças até 12 anos, era uma atividade maçante, como nessa exposição tinha uma oficina para ser aplicada ao término da visita, nós mediadores, decidimos levar crianças do ensino fundamental apenas para essa exposição e fazíamos brincadeiras através de perguntas e adivinhas com intuito das crianças observarem a tela de todas as formas possíveis e assim ficou mais divertido o percurso e a oficina fruía de forma mais agradável e produtiva.



Figura 03. Exposição Rodrigo Godá – Escrituras e Filigranas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Por intermédio da Pedagogia Questionadora, pode-se trabalhar com a percepção do visitante como sendo parte primordial da exposição, considerando-se a qualidade de sua visita. Uma nova forma de se ver e sentir a obra, experiências pessoais diante de cada um, individualmente, trabalhando assim com conceitos de coletivo e individual, formando assim uma experiência de visita com maior qualidade. Por parte de muitos curadores foi criado um canal de comunicação entre esses, mediadores e público.



Figura 04. Arte para as crianças no MAM.
Fonte: Guia da Semana



Figura 05. O artista com crianças no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba 2009.
Fonte: Blog do Artista Plástico Sergio Moura



Figura 06. Miami Children's Museum – Miami (EUA)
Fonte: Museus Para Crianças

4.3 O Museu Cidade

Atualmente tem-se falado do “Museu Cidade”, que tem como maior preceito a preservação da cultura, estrutura, referências de determinada cidade, trazendo assim sua população ao interesse de conhecimento e preservação de sua história e identidade. Ali que está gravada a história de vida de cada um que contribui para o crescimento e desenvolvimento e vivência cultural daquele local. Ali a população se vê e é vista por visitantes. Esse tipo de museu desenvolve três funções primordiais: educativa, científica e social.

Brasília poderia ser um exemplo de museu cidade? E o que caracteriza essa como uma cidade monumento? Além das galerias e espaços culturais em vários pontos, temos um museu Niemayer/Athos Bulcão céu aberto, quem anda por Brasília vê as diversas obras destes modernistas espalhadas em diversos pontos da cidade, além de o próprio desenho de Brasília, o Plano Piloto do artista/arquiteto Lúcio Costa ser de um todo artístico. Temos também Burle Max ajardinando em forma de poesia vários pontos.

Brasília foi tombada como Patrimônio Cultural e Ambiental da Humanidade em 1987, título maior conferido por causa da sua arquitetura pela Organização das Nações Unidas - ONU.



Figura 07. Visão Panorâmica de Brasília
Fonte: Arquitetura e Urbanismo, PUC-MG



Figura 08. Igreja Nossa Senhora de Fátima, Brasília
Fonte: Site Terracap

Como levar para a sala de aula essas questões? Ou seja, Brasília na condição de “Museu Cidade”, Patrimônio Cultural e Ambiental da Humanidade?



Figura 09. Pessoas no mirante da Torre de TV, de onde é possível avistar a Esplanada dos Ministérios e cidades próximas a Brasília.

Fonte: Fausto Carneiro/G1



Figura 10. Passeio Pedagógico aos pontos turísticos e históricos de Brasília
Fonte: Professores E.C. 102 Recanto das Emas - DF

Baseando-me nisso, no material que desenvolvi para o TCC a proposta de livro que apresentei é apenas um projeto piloto, não tendo sido ainda testado em sala de aula. Seu título é Brasília Geométrica e trata da influência do Construtivismo Russo na construção de Brasília.

O Construtivismo Russo foi um movimento estético-político de renovação artística e arquitetônica, vinculado com ideais políticos revolucionários.

Iniciado na Rússia em meados de 1917, como parte do conjunto dos movimentos vanguardistas que estava ocorrendo no país, de intensa influência na arquitetura e na arte ocidental. Esse movimento consistia em negar a arte pura, a arte pela arte, agora deveria representar as conquistas do estado operário, revelando a influência socialista dessa modalidade artística.

Caracteriza fundamentalmente por utilizar elementos geométricos, emprego de cores primárias, *photo* montagem e tipografia. O construtivismo como movimento ativo durou até 1934 na União Soviética e na República de Weimar. Mas suas conjecturas inovadoras influenciam fortemente toda a arte moderna. Na concepção Vladimir Tatlin, deveria construir a arte, não criá-la. As obras Construtivistas eram feitas a partir de materiais industrializados como metal e vidro, afirmando assim o início da industrialização, suas composições são marcadamente geométricas e com influência de formas quebradas Cubistas e a multiplicidade das imagens sobrepostas do Futurismo, a fim de traduzir a sociedade moderna agitada. A arte passou de representativa para abstrata.

Alguns dos artistas influentes dessa vanguarda são: Tatlin, Liubov Popova, Aleksei Gan, Vavara Stiepanova, Anton Pevsner, El Lissitzky, Alexander Kodchenko, Naum Gabo entre outros. A Rússia passava por um processo revolucionário e seus artistas também se moveram ao propor construir uma nova arte que teria a participação ativa na sociedade e influência na educação. Com isso a Rússia se modificou após a Revolução Socialista de Outubro de 1917, passando a ser visada por todo o ocidente. O que despertou esses olhares não foi só a Revolução Socialista, mas também a revolução estética que acontecia naquele momento.

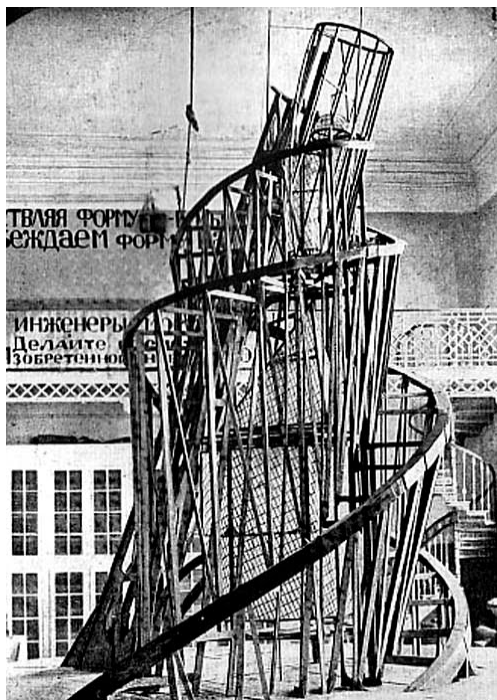


Figura 11. "Monumento à III Internacional" de Vladimir Tatlin, 1919.

Fonte: FAV, UFG-GO

Os arquitetos internacionalmente apoderavam-se da abstração Construtivista para uma vanguarda arquitetônica, ao qual a abstração geométrica passou a ser a base estética e Brasília é um dos exemplos dessa nova vanguarda, ela encabeçou desde seu traçado inicial nos projetos construtivistas. Diferente das capitais anteriores do Brasil, foi planejada para ser a capital utópica, traçada por Lúcio Costa, projetada por Oscar Niemeyer, ajardinada por Burle Marx, adornada por Athos Bulcão e calculada e traduzida em poesia por Joaquim Cardozo.

O purismo de Le Corbusier foi um dos movimentos que também influenciou na construção da capital. Ambicioso, teve início após o cubismo em 1918, durou apenas sete anos, mas foi de extrema importância na arquitetura moderna e ele só foi reconhecido em grande escala internacional por causa das obras de Le Corbusier.

Os elementos caracterizadores desse movimento foram principalmente a cor, linha e forma, trabalhando com geometria, cores puras e linhas. Esses elementos trabalham nas reais formas sendo imutável em relação à interpretação da obra, um cubo funciona como um cubo. Outro aspecto é o funcionalismo existente na arquitetura, engenharia e desenho industrial sendo dirigido para as necessidades humanas, comparados ao corpo humano, onde cada órgão tem sua funcionalidade.

Trabalham também com a função estética, pois o homem tem como necessidade básica a arte, podendo os projetos arquitetônicos trabalhar junto com utilidade e estética.

Assim então vemos em Brasília uma cidade com a estética geométrica concreta moderna do traçado urbanista de Lúcio Costa, uma arquitetura escultórica por Oscar Niemeyer contou também com a influência de outros artistas de grande nome: Alfredo Cheschiatti, Breno Giorgi, Rubem Valentin, Mary Vieira, Marianne Peretti e do trio: Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica.

Lucio Costa pensava em criar um mundo totalmente novo, por isso elaborou seu projeto através de experiências vividas e observadas em várias cidades, tendo como base, seus sistemas urbanísticos, o que era funcional ou não para se aplicar a modernidade. Em seus planos era claro o alinhamento, influencia clara Construtivista da primeira metade do século XX, equilibrando pensamento, espaço, tempo, movimento, técnica, materiais, arte, indústria e geometria abstrata. Seu projeto revelava o homem funcional moderno.

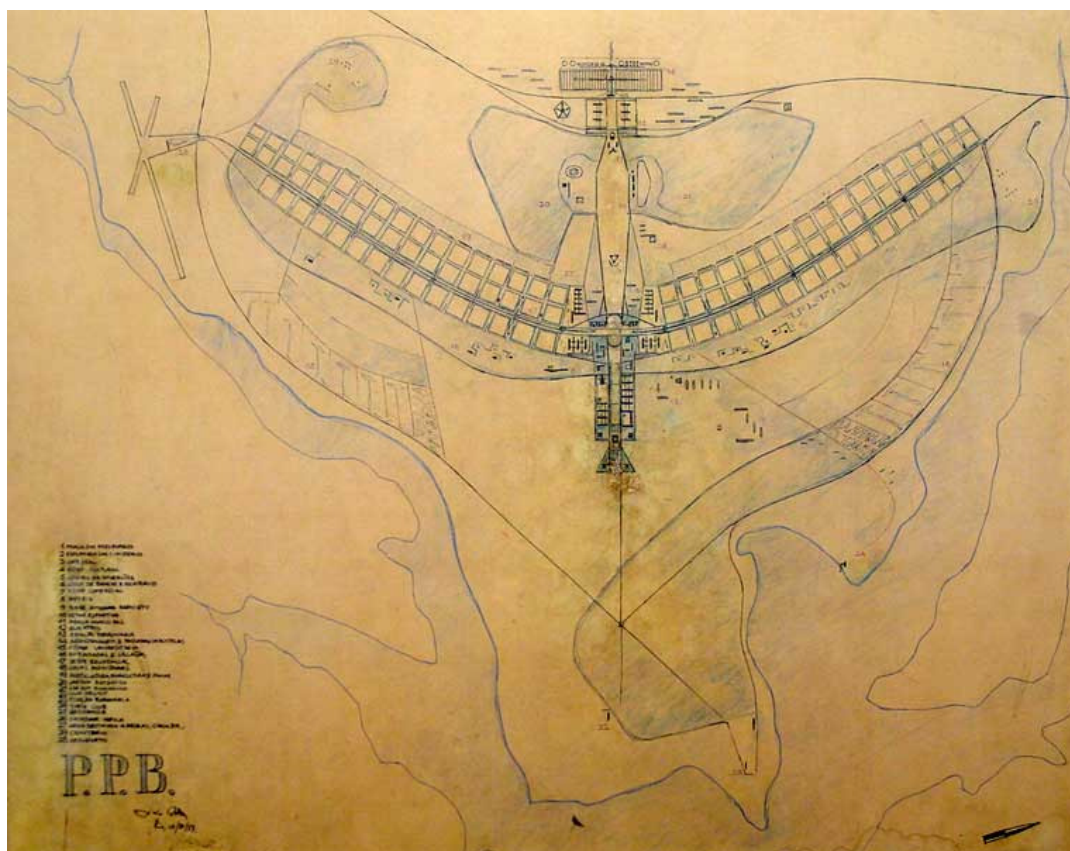


Figura 12. Brasília (DF): Plano-Piloto, por Lúcio Costa.

Fonte: Viver Cidades.

Além de arquiteto, Lúcio Costa era também artista, facilitando assim sua percepção de enxergar a sociedade por completa. Ele como construtivista queria criar um equilíbrio coletivo associado ao mesmo tempo com o bem-estar pessoal individual.

Charles-Edouard Jeanneret-Gris ou Le Corbusier, como é conhecido, arquiteto franco-suíço, com tendências modernistas é considerado um dos responsáveis pela padronização de grandes metrópoles, geométricos e brancos. Brasília teve influências dele no seu planejamento. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa trabalharam com a consultoria de Le Corbusier em uma construção revolucionária e moderna, o edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, entre 1936 e 45.

Niemeyer foi o mais importante arquiteto na construção de Brasília, por ter desenhado seus edifícios em formas suntuosas e trabalhar com o concreto armado. Sua originalidade e genialidade tornaram-o líder da arquitetura moderna. Ele trabalha muito com o vazio interagindo com formas diferenciadas, pilares e edifícios enormes. Niemayer e Lúcio Costa trabalharam para construção de uma cidade utópica.

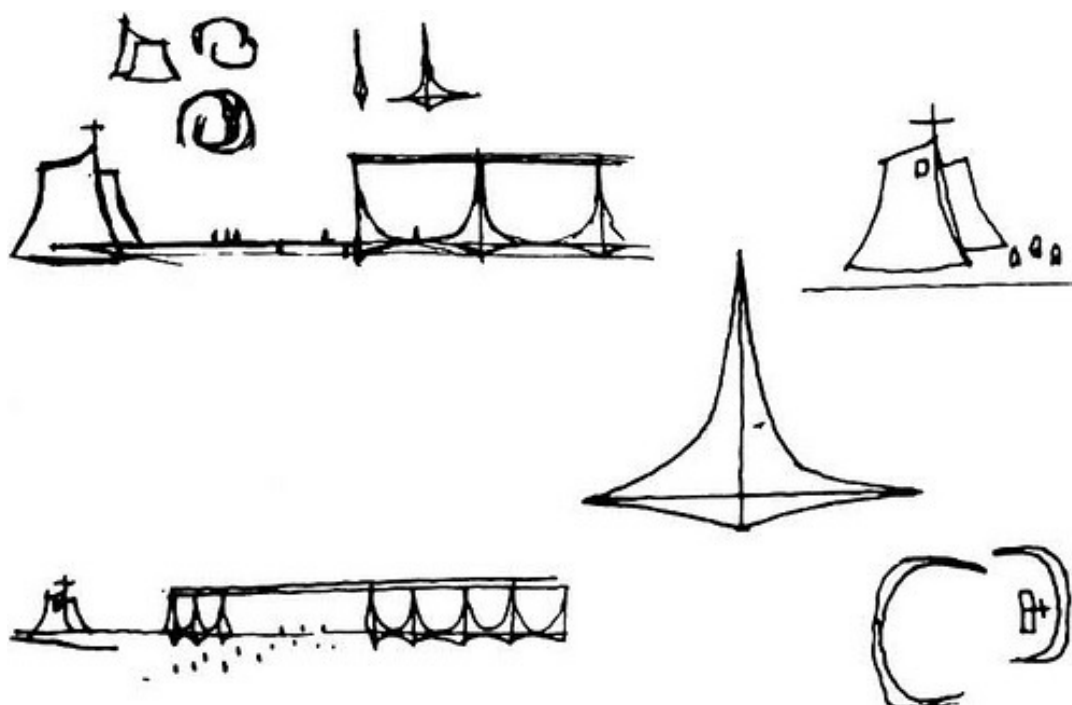


Figura 13. Projeto do Palácio da Alvorada por Niemeyer
Fonte: Artetropia.

Lúcio costa e Burle Marx eram vizinhos e amigos. E foi Lúcio costa o que mais ajudou e articulou sobre Burle Marx nos principais momentos da eclosão modernista brasileira.

Com seus jardins Burle Marx trouxe o paisagismo para a arte e arquitetura moderna. Em Brasília existem várias marcas espalhadas de seu trabalho, são eles: Praça dos Cristais (Setor Militar Urbano), a Praça das Fontes (Parque da Cidade), os jardins externos e internos do Itamaraty, o jardim externo do Palácio da Justiça, o jardim externo do Palácio do Jaburu, o projeto de paisagismo da Superquadra 308 Sul, os jardins do Teatro Nacional e os do Tribunal de Contas da União, nas embaixadas da Alemanha, Estados Unidos, Irã e Bélgica, infelizmente somente o do Itamaraty está tombado. Trabalhava em seus projetos com vegetação típica brasileira rejeitando assim as de origem européias, mas popularizadas nos jardins particulares. Quando trabalhava em um jardim o projetava de acordo com a tipografia, meio ambiente, arquitetura e plasticidade. Quando foi divulgado o edital do Concurso do Plano Piloto, esse criticou a falta de um projeto paisagístico.

Burle Marx tinha nata paixão pela natureza, transformou seus jardins verdadeiras obras plásticas. Artista reconhecido mundialmente, não apenas por seus jardins produzidos, mas também por toda a bagagem artística que esse espetacular e impulsivo artista produziu, entre seus feitos estão também contidos desenhos, gravuras, tapeçarias e pinturas, sempre as técnicas, apesar de diferentes, vinculadas, exemplo são seus jardins que parecem com suas pinturas, com cores vivas, desenhos geométricos bem dispostos e ondas que nos faz passear, seja com os pés ou com os olhos.

Em 1934, numa visita de Niemeyer ao ateliê de Burle Marx, ele conhece Athos Bulcão, que desenhava em um canto. Admirado com seu trabalho, Niemeyer o convida a pintar os azulejos do Teatro Municipal de Belo Horizonte, a partir desse momento Athos Bulcão começou a trabalhar com Niemeyer. Deu um toque de requinte em símbolos de Brasília. Notamos alguns dos seus trabalhos na parede texturizada do Teatro Nacional, nos azulejos do Congresso Nacional e do Aeroporto Internacional de Brasília, nas treliças em madeira do Palácio do Itamaraty.

Como essa história que acabei de relatar poderia tornar-se acessível para estudantes do ensino básico?

ANEXO:

Angel & seu Diário em:

BRASÍLIA

GEOMÉTRICA

ANGEL & SEU DIÁRIO EM:

BRASÍLIA GEOMÉTRICA

TEXTO E ILUSTRAÇÕES:

ANGÉLICA SILVA

Livro desenvolvido para o TCC de graduação em Artes Plásticas
Licenciatura, Universidade de Brasília.

QUARTA FEIRA

Querido Diário, hoje na aula de matemática o professor Moacyr deu aula sobre geometria: quadrados e retângulos, triângulos e losangos, círculos e cilindros, pa - ra - le - le - pi - pe - dos... Ufa, quase não sai... Rrrrrs... Depois do intervalo tive aula de artes, é a que eu mais gosto! A professora Kélia falou que existe geometria na arte... Kaaaaã?!?! Ficou tudo confuso... Para piorar as coisas ela passou para lição de casa: trazer exemplos de geometria na arte. Tô frita, onde vou encontrar? Quando meu pai chegar do trabalho, vou perguntar para ele, com certeza ele deve saber.



QUINTA FEIRA

Te disse Diário, que meu pai devia saber!!! Ele sabe de tudo! Ele me falou que as obras de arte têm geometria. Por exemplo, na época do Renascimento, quando se pintava muitas figuras religiosas, nas igrejas principalmente, eles usavam um tal esquema de triângulo, as figuras eram colocadas em “disposição triangular”, meu pai fez até um desenho para me explicar, vou colar ele aqui para não esquecer...

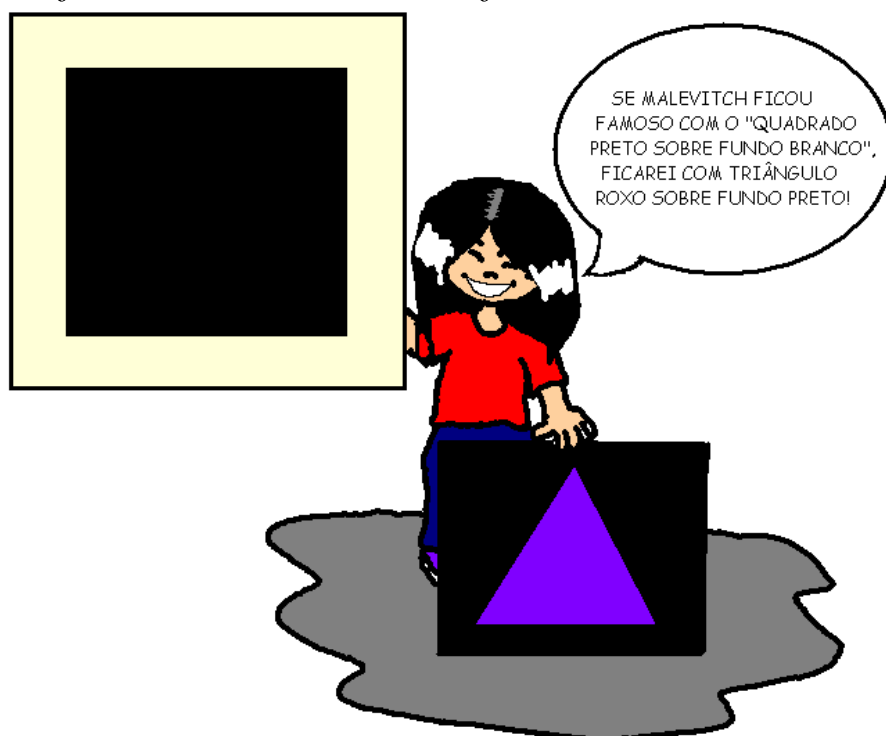


Prontinho!

Ele também me falou que teve uma época, no início do século 20, na Rússia, teve um movimento chamado Construtivismo que esse movimento foi de renovação na arte e arquitetura e que influenciou em toda arte ocidental. Ele negava a arte pura, e a arte pela arte, essa foi quando os artistas pararam de pintar a arte com utilidade, e a arte passou a ter uma utilidade só nela mesma, por exemplo, pintar retratos reais parecendo fotos, e começaram a fazer um tipo

de arte que eles não queriam ganhar dinheiro, nem pintar para a igreja, não queria que servisse para decorar, ela só era feita para ser arte, e ponto, sem nenhuma frescura ou objetivo. A principal característica foi que usaram muitos elementos geométricos e cores primárias e trabalhavam com coisas feitas nas indústrias: ferro, vidro, madeira... Era um tipo de arte que qualquer pessoa que quisesse podia fazer. Arte que representava o povo, como meu pai disse. Veio de dois outros movimentos artísticos: Futurismo e cubismo. Os dois também eram muito geométricos nas suas composições.

Ele também me falou que o Construtivismo que influenciou um monte de arquiteto, tanto de outros países como do Brasil, aqui ficou claro na construção de Brasília e disse ainda que Brasília é toda geométrica... Nunca vi isso, mas se ele diz... Ele percebeu minha cara de hã? Ai disse que sábado vai me levar para passear nos pontos monumentais e me explicar melhor.



SÁBADO

Puxa Diário, foi tão massa o passeio de hoje... Meu pai me levou em um montão de lugares diferentes! Na Praça dos Três Poderes, nos Ministérios, Catedral, Museu da República, Biblioteca, Teatro Nacional, Igrejinha e Universidade de Brasília (UnB).

Consegui ver as formas geométricas que ele disse, por exemplo, o Museu é um semicírculo ou semi esfera, assim como o Senado e a Câmara – o que parece uma bacia! Os prédios do meio, que parece um “H” são retangulares, assim como a Biblioteca e os Ministérios, um monte de prédios verdes no Eixo Monumental, perto da Praça.

Já a Catedral é a que achei mais diferente do Eixo Monumental, ela é redonda parecendo uma nave espacial, mas ela tem umas colunas curvas por fora, separados por vitrais coloridos em forma triangular, que vai subindo reto e até encostar-se a do lado, ai quando encostam, eles abrem! Ao redor dela looooodinha, é linda!

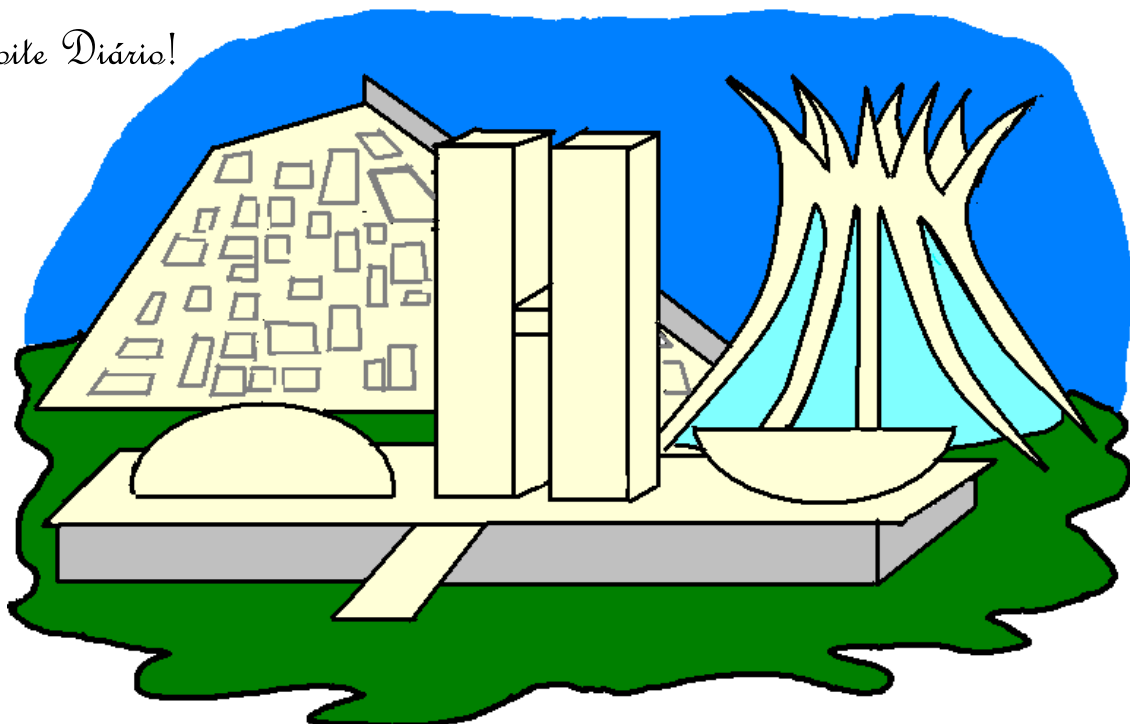
O Teatro Parece uma pirâmide sem a pontinha, então é uma truncada. Os quadrados e retângulos na parede de fora dão uma vontade de fazer rapel...

A Igrejinha também é bem diferente, o teto é em formato de triângulo, aí em cada ponta tem uma coluna apoiando também em formato de triângulo. Parece mais um chapéu de freira...

A UnB tem o formato das asas de Brasília. Assim oh:



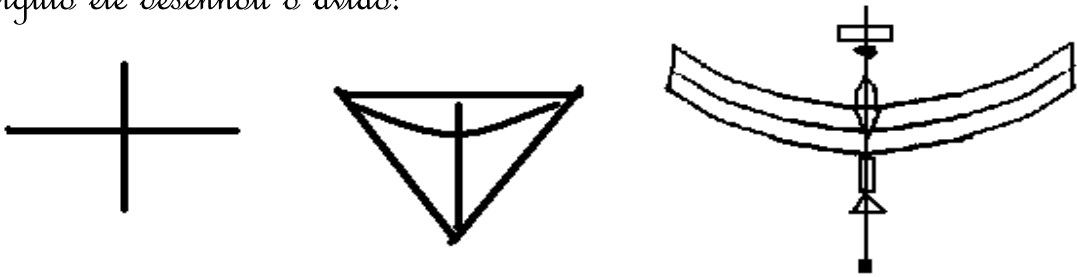
Amanhã papai vai me contar sobre os caras que fizeram Brasília. Boa noite Diário!



DOMINGO

E aí Diário? Belê?

Amanhã é minha aula, to me sentindo muito bem preparada. Meu pai me falou hoje que os caras mais importantes na construção de Brasília foram: Lúcio Costa, que foi o que desenhou. Ele fez uma cruz, depois envergou um pouco a parte maior, igual faz com taleta de pipa, aí desenhou um triângulo, do triângulo ele desenhou o avião:



Dai o Oscar Niemeyer foi quem construiu os prédios monumentais. Tirei algumas fotos!



O outro é Athos Bulcão, ele fez painéis e azulejos. Vi azulejos dele na Catedral, Congresso, Igrejinha e na UnB e a parede de fazer rapel também é dele, é um painel... Tem mais um montão de obras dele espalhadas pela cidade... Depois vou pedir para prof levar a turma para conhecer os lugares que ainda não vi.

O outro que papai falou é um paisagista, ele desenha jardins... Nome dele é Burle Marx. Ele fez uns jardins lá na Praça dos Três poderes e também no Teatro. Têm outros que não vi, como lá no Parque da Cidade. Ele usa plantas bem diferentes, da flora brasileira. Legal né? Os jardins dele sempre têm muitos elementos geométricos. Tem uma praça que ele fez: Praça dos Cristais no Setor Militar, tem um monte de escultura em formato de cristal saindo da água. Além de um monte de desenhos na calçada em várias formas geométricas.

Olha uma foto minha numa sala do Congresso, que tem umas poltronas do Nyemeyer, azulejos do Athos Bulcão e jardim do Burle Marx...

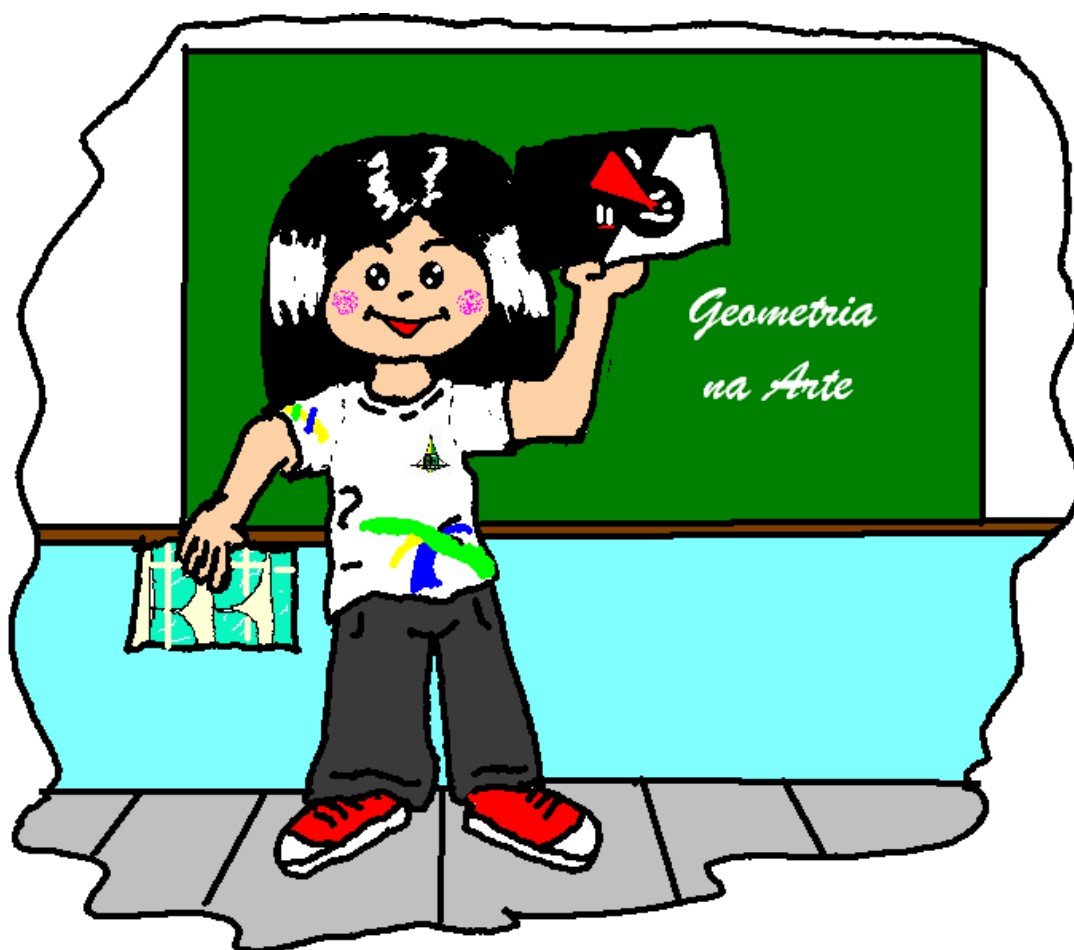


SEGUNDA FEIRA

Estou super feliz hoje Diário!

A professora amou meu trabalho! Levei as fotos que tirei, expliquei onde existia geometria nas obras de Brasília e levei umas fotos do Construtivismo. Expliquei tudinho para a turma e todo mundo achou o máximo e pediu para a professora fazer um passeio com a gente para conhecer melhor Brasília.

Quando a gente passear, juro que te conto ok?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como arte/educadora me sinto na necessidade de elaborar materiais que tratem de História da Arte, pois esse tipo de material facilita a compreensão dos alunos, passa a existir uma motivação maior por parte dos mais dispersos, dinamiza o conteúdo, facilitando para os professores o domínio em sala de aula e as aulas passam a ser mais eficazes e interessantes, contribuindo para ambos os lados, transcendendo da sala para o ambiente escolar e vivências pessoais pelas experiências obtidas ali. Além disso contribui no crescimento das manifestações artísticas e incentivo aos alunos e professores buscar com maior constância espaços museais.

Desde cedo deve ser ensinado a importância que Brasília tem na História da Arte, quanto mais para nós brasileiros, patriotas natos. Assim como Brasília existem vários outros núcleos urbanos contemporâneos, mas nossa cidade foi tombada pelo Comitê do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) tornando-se assim a única desse porte na lista dos bens de valores universais.

Deve-se isso pela beleza e precisão do plano urbanístico desenvolvido por Lúcio Costa, as construções de Oscar Niemeyer, os painéis de Athos Bulcão e os jardins de Burle Marx, que renderam a Brasília particularidades em uma visão total baseada nos conceitos urbanísticos modernos.

Espero poder em breve aplicar meu material em sala para ver os resultados obtidos através dele, tanto o que facilitou ou dificultou para professores e alunos e assim fazer as devidas adequações.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, A.M. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Ed. Com/Arte, 1998;

DOBBS, S.M. Learning in and through Art: A Guide to Discipline-Based Art Education. Los Angeles: The J. Paul Getty Trust, 1998;

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. Por Uma Pedagogia da Pergunta. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1985;

FREITAS, G. Brasília e o Projeto Construtivo Brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007;

GOMBRICH, E.H.; *História da Arte*; São Paulo: LTC Editora, 2002.

_____. Arte e ilusão. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GREEN, Chistopher. Purismo. In: STANGOS, Nikos. Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

HEGEL, G.W.F. Estética. In Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999;

HUIZINGA, J. Homo Ludens: O Jogo Como Elemento da Cultura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992;

JESUS, P.M. A musealização de espaços urbanos na contemporaneidade: primeiras reflexões; Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte. Vol. 6, 2010;

KÖPTCKE, L.S. Observar a experiência museal: uma prática dialógica?. Rio de Janeiro, 2002;

MELO, V.A. de. A animação cultural: conceitos e propostas. Campinas, SP: Papirus, p. 144, 2006.

PONTES, G.M.D. A Presença da Arte na Educação Infantil: Olhares e Intenções. Natal, 2001;

Os processos Museais e as Questões Metodológicas: O Museu da Cidade de Piracanjú como Estudo de caso – Cadernos de Sociomuseologia Nº 09, 1996;

GILMAN, B.I. Fadiga Museal. Disponível em <<http://audience-research.wikispaces.com/file/view/archival+science+paper.pdf>>

História da Arte. Disponível em: <<http://historiadaarte.com.br>> Acesso em 17 mai. 2011.

História da construção de Brasília. Disponível em:
<http://www.infobrasilia.com.br/bsb_h1p.htm> acesso em 17/05/2011> Acesso em 17 mai. 2011;

ICOM=BR. Disponível em: <<http://www.icom.org.br/>> Acesso em 10 de jun. 2011.

ISTOÉ. Disponível em:
< <http://www.terra.com.br/istoegente/70/testemunha/index.htm>> Acesso em 26 de jun. 2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=293&Itemid=358> Acesso em 15 mai. 2011;